

A COMPREENSÃO REBELDE DE NISE DA SILVEIRA: UMA MULHER À FRENTE DO SEU TEMPO

Ana Cristina Vidal de Castro Ortiz (Titi Vidal)

Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero
Graduada em Direito pela Universidade Paulista (Unip)

E-mail: titividal@titividal.com.br

Pedro Henrique Falco Ortiz

Doutor e mestre em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (Prolam-USP)

E-mail: phortiz@hotmail.com

RESUMEN

La médica psiquiatra brasileña Nise da Silveira llamaba a sí misma “psiquiatra rebelde” por recorrer caminos diferentes y desafiantes en su trayectoria personal y profesional. Considerada una de las precursoras de la humanización en las terapias con pacientes diagnosticados con trastornos mentales y psicosociales, como la esquizofrenia, fue una mujer valiente, desafío colegas y el sistema establecido por no aceptar tratamientos violentos y deshumanizantes como los que eran realizados en los hospitales psiquiátricos en el Brasil. Creó el Museo de Imágenes del Inconsciente, fue pionera en el arte terapia y terapia asistida por animales en el Centro Psiquiátrico Pedro II, en Río de Janeiro.

Palabras clave: Comunicación, la comprensión como método, Nise da Silveira, psiquiatría.

RESUMO

A médica psiquiatra brasileira Nise da Silveira chamava a si mesma “psiquiatra rebelde” por percorrer caminhos diferentes e desafiantes em sua trajetória pessoal e profissional. Considerada uma das precursoras da humanização nas terapias com pacientes diagnosticados com distúrbios mentais e psicossociais, como a esquizofrenia, foi uma mulher corajosa, desafiou colegas e o sistema estabelecido por não aceitar tratamentos violentos e desumanizantes como os que eram realizados nos hospitais psiquiátricos no Brasil. Criou o Museu de Imagens do Inconsciente, foi pioneira na arteterapia e terapia assistida por animais no Centro Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro.

Palavras chave: Comunicação, a compreensão como método, Nise da Silveira, psiquiatria.

ABSTRACT

The Brazilian psychiatrist Nise da Silveira called herself “a rebel psychiatrist” for treading through different and challenging paths both in her private and professional lives. Considered to be a pioneer of humanizing therapies for patients diagnosed with mental and psychosocial disorders, such as schizophrenia, Nise was a brave woman who defied her peers as well as the medical consensus of her time through her rejection of the violent and dehumanizing methods adopted by psychiatric hospitals in Brazil. She has created the Images of the Unconscious Museum and pioneered in art therapy and animal-assisted therapy at Psychiatric Center Pedro II, in Rio de Janeiro.

Keywords: Communication, comprehension as a method, Nise da Silveira, psychiatry.

A COMPREENSÃO REBELDE DE NISE DA SILVEIRA: UMA MULHER À FRENTE DO SEU TEMPO

Engenho de Dentro, Rio de Janeiro, 1944

Uma mulher de meia-idade, vestida sobriamente, caminha pela calçada em direção a um grande portão de ferro, pesado e maciço, que mais parece a entrada de um presídio. Calmamente, com a mão fechada em punho, bate no portão algumas vezes. Sem resposta, bate novamente, e insiste. Nada. Começa a bater sem parar, já não mais de forma delicada, agora forte, persistente e decidida.

Finalmente alguém abre.

A câmera a acompanha e mostra a entrada do Centro Psiquiátrico Nacional, no bairro do Engenho de Dentro, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, a capital do Brasil de então.

Ela se apresenta na Recepção. É a Dra. Nise da Silveira e está retornando ao trabalho como psiquiatra, após um longo período afastada do serviço público por perseguição política. Uma enfermeira a conduz por corredores escuros, passando por alas femininas e masculinas com pacientes trancados atrás de pesadas grades. O ambiente lembra uma penitenciária, não um hospital.

Nise da Silveira chega a um auditório onde médicos, todos homens, participam de um seminário em que são apresentadas as novidades científicas para o tratamento psiquiátrico, como a lobotomia e a convulso-terapia, ou eletrochoque. Tendo presenciado uma demonstração prática de aplicação de choques em um paciente até convulsioná-lo, horrorizada, ela questiona o colega sobre o que considera uma brutalidade sem tamanho...

Assim começa o filme *Nise: o coração da loucura*, dirigido pelo cineasta Roberto Berliner, em 2015, com a atriz Glória Pires interpretando a protagonista.

A loucura sob o ângulo da compreensão

A sequência inicial do filme mostra de forma quase documental a trajetória dessa mulher ímpar, que revolucionou a psiquiatria no Brasil ao propor e praticar uma abordagem terapêutica humanizada, radicalmente compreensiva.

A mesma sequência também revela um pouco do que seria o percurso de vida e trabalho de Nise da Silveira: ela teve que esmurrar muitas portas fechadas para os tratamentos humanizantes e humanizados, para romper preconceitos dentro e fora do universo da medicina, combater o machismo, a arrogância — e ao mesmo tempo ignorância — de muitos profissionais da área. Precisou saltar obstáculos que

sempre surgiram à sua frente, no caminho que ela e muitos dos seus discípulos, pacientes, simpatizantes, companheiros de trajetória e inspiradores trilharam.

Nise da Silveira buscou o caminho oposto ao convencional, ao propor um mergulho no inconsciente dos internos – que ela chamava respeitosa e carinhosamente de “clientes”. De forma compreensiva, observando o ser humano que aflorava por baixo de anos de embotamento e violências diversas — físicas, psíquicas e emocionais—, ela propunha um exercício de liberdade para que a atividade criadora de cada um dos seus “clientes” pudesse mobilizar diferentes aspectos de sua psique.

Para Nise da Silveira, tanto as dissociações e desordens causadas pelos conflitos psicológicos como as energias ordenadoras auto-curativas são forças instintivas e movimentos que vêm do mesmo inconsciente.

Foi pioneira e reuniu em seu trabalho no Centro Psiquiátrico Pedro II, assim rebatizado anos depois e hoje Instituto Municipal Nise da Silveira, no Rio de Janeiro, a visão, as pesquisas e contribuições de pensadores, pesquisadores e artistas como Carl Gustav Jung, Antonin Artaud, Gaston Bachelard, Marie-Louise von Franz e Mário Pedrosa, entre outros. Buscava compreender as experiências esquizofrênicas, o manuseio de diferentes materiais de trabalho e as reflexões sobre as vivências do espaço e do tempo.

Ao buscar inspiração em pensadores, teorias e áreas plurais, deixou sua marca e uma obra ímpar e inovadora, complexa, compreensiva e transformadora. Nise da Silveira foi capaz de ir além, para enxergar que as imagens internas são capazes de sobreviver mesmo quando a personalidade se encontra desagregada, no caso de uma esquizofrenia. Criou ateliês de pintura e modelagem. Criou o Museu de Imagens do Inconsciente, no Rio de Janeiro, que possui nessa área um dos acervos mais importantes do mundo.

Além disso, Nise da Silveira iniciou no Brasil a arteterapia e a terapia assistida por animais e propiciou a expressão de muitos artistas-pacientes. Livros, filmes e documentários são dedicados à vida e obra de Nise da Silveira, como a trilogia *Imagens do inconsciente* (1983-86), de Leon Hirszman, uma produção inovadora e corajosa, construída, desde a ideia inicial, passando pelo roteiro e pela sua realização, a partir das conversas e da relação de amizade e confiança mútua que surgiu entre a Dra. Nise da Silveira e o cineasta.

Também o longa-metragem *Nise: o coração da loucura* (2015), de Roberto Berliner, aqui citado, e o livro de Luiz Carlos Mello, *Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde* (2015), fazem parte dessa lista. O livro começou pelas mãos da própria Nise da Silveira como uma espécie de autobiografia, só podendo ser concretizado após a morte dela, em 1999, pelo empenho e dedicação de Mello, um de seus mais fiéis e constantes colaboradores, que contou com a participação afetiva de tantos outros amigos e amigas.

Tomando como base essas obras, da produção da Dra. Nise da Silveira e dos demais autores citados, buscamos uma reflexão compreensiva, exploratória e instigadora sobre essa grande brasileira do século XX.

Psiquiatra rebelde

Nas palavras de Marco Lucchesi (apud Mello, 2015, p. 7), poeta, professor de literatura e grande amigo de Nise da Silveira, ela “trazia dentro de si um sertão profundo, como o de Euclides, Rosa e o Mestre Graça, de quem foi amiga, inventando nomes de personagens, como Caralâmpia”.¹

O apelido, atribuído a ela pelo escritor brasileiro Graciliano Ramos (1892-1953) —o “Mestre Graça” do parágrafo anterior—, durante a convivência que tiveram como presos políticos, em 1936, depois foi utilizado pelo autor para referir-se a ela em dois de seus livros, *Memórias do cárcere* (1953) e *A terra dos meninos pelados* (Ramos, 1954, p. 28-29). Ela “trazia o ethos do sertão, o vigor e a nobreza das coisas que não se dobram, não se vendem”, escreve Lucchesi (apud Mello, 2015, p. 7), “donde sua cultura marcada por uma fortíssima instância moral, sua vontade inquebrantável frente à intolerância e à injustiça”. O seguinte texto, da própria Nise da Silveira (apud Mello, 2015, p. 89), testemunha esse seu caráter e essa sua ética humana e profissional:

Durante esses anos todos que passei afastada, entrou em voga na psiquiatria uma série de tratamentos e medicamentos novos que antes não se usavam. Aquele miserável daquele português, Egas Muniz, que ganhou o Prêmio Nobel, tinha inventado a lobotomia. Outras novidades eram o eletrochoque, o choque de insulina e o de cardiazol. Fui trabalhar numa enfermaria com um médico inteligente, mas que estava adaptado àquelas inovações. Então me disse:

– A senhora vai aprender as novas técnicas de tratamento. Vamos começar pelo eletrochoque. Paramos diante da cama de um doente que estava ali para tomar eletrochoque. O psiquiatra apertou o botão, e o homem entrou em convulsão. Ele então mandou levar aquela paciente para a enfermaria e pediu que trouxessem outro. Quando o novo paciente ficou pronto para a aplicação do choque, o médico me disse:

– Aperte o botão.

E eu respondi:

– Não aperto.

Aí começou a rebelde.

Uma vida marcada por grandes dificuldades e muitos desafios foi moldando a força inquebrantável de Nise da Silveira. Nascida em Maceió, estado de Alagoas, no Nordeste brasileiro, no ano de 1905, filha de Faustino, professor de matemática

¹ Euclides da Cunha (1866-1909), engenheiro militar, jornalista, ensaísta e historiador nascido no Rio de Janeiro, entre suas obras encontra-se *Os sertões* (1902), por muitos considerado o primeiro livro-reportagem brasileiro. Guimarães Rosa (1908-1967), contista, romancista e diplomata nascido no estado de Minas Gerais, foi autor de *Grande sertão: Veredas* (1956), entre outros livros. Mestre Graça era o apelido de Graciliano Ramos (1892-1953), alagoano como Nise da Silveira e autor de *Vidas secas* (1938), também foi memorialista, crítico e jornalista.

e jornalista, e de Maria Lídia, pianista, passou uma infância tranquila, tendo a casa frequentada por artistas e intelectuais. Muito cedo, aos 16 anos, foi aprovada e ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, tendo sido a única mulher em uma turma de 157 homens. Formou-se em 1926, aos 21 anos de idade.

A morte do pai, no ano seguinte, lhe trouxe uma enorme tristeza, até porque ela e o pai faziam aniversário no mesmo dia, tendo ele vindo a falecer cinco dias antes da data. Pelo resto da vida ela carregaria esse trauma consigo, pois tinha o pai como seu grande amor. A relação com a mãe foi marcada por dificuldades. Nessa fase da vida, como ela mesma conta, as mordomias acabaram. E como não conseguiu continuar em Maceió, tomou um navio e, em 1927, mudou-se para o Rio de Janeiro com o marido, Mário Magalhães, um colega de faculdade.

O início da vida do jovem casal no Rio de Janeiro foi difícil. No começo viveram numa pensão em Copacabana, mudando-se depois para o bairro de Santa Teresa, onde alugaram um quarto numa casa de cômodos, na Rua do Curvelo, em frente à casa do poeta Manuel Bandeira.² Algum tempo depois, conseguiram alugar um quarto em um belo casarão com vista para a baía da Guanabara.

A vida era simples. Sobreviviam à base de média³ com pão e manteiga na maioria dos dias – vez ou outra faziam uma extravagância e comiam um bife. Mário Magalhães conseguiu um emprego, mas o salário era baixo. Fizeram amizades com pessoas interessantes e descobriram ali a felicidade da vida simples.

Tempos depois, Nise da Silveira envolveu-se com os assuntos políticos. Chegou a frequentar reuniões do Partido Comunista Brasileiro (PCB), mas não por muito tempo, porque “não era de sua índole ater-se a qualquer enquadramento ideológico”. Chegou a fazer parte da “ala médica reivindicadora” da União Feminina Brasileira, “que defendia os interesses de mulheres que viviam em condições precárias” (Mello, 2015, p. 67).

A mudança para o Rio de Janeiro havia sido motivada também por sua intenção de se tornar especialista em neurologia, tanto que chegou a estagiar na área, na clínica do Dr. Antonio Austragésilo, da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Colaborou com artigos médicos em jornais do Rio de Janeiro e de Alagoas.

Apesar de interessar-se pela política do país, tinha dificuldade em se acomodar às organizações e acabou sendo expulsa do PCB, embora não fosse filiada nem militante regular do partido. Os companheiros do PCB não apoiavam o curso

² Manuel Bandeira (1886-1968) nasceu em Recife e foi professor, poeta, cronista, crítico e historiador literário. Uma de suas obras mais aclamadas é *A cinza das horas*, publicada em 1917.

³ “Média”, em algumas regiões do Brasil, é uma forma de se referir ao café com leite.

preparatório oficial de psiquiatria que ela fazia para prestar o concurso público como médica do Hospício Nacional de Alienados, na Praia Vermelha, também no Rio de Janeiro, onde tinha ido trabalhar como residente.

O concurso também chegou a despertar dúvidas nela, mas não exatamente por questões político-ideológicas: ela não aceitava acriticamente o que via nos livros e era praticado pelo saber médico estabelecido. Era uma mulher que ouvia sua sensibilidade e usava sua independência com inteligência. Por exemplo, os livros diziam que os esquizofrênicos não possuíam afetividade. Nise da Silveira desconfiava muito disso.

Nessa época, em razão de dificuldades financeiras, ficou morando em um quarto na Clínica Neuriática, onde era médica auxiliar. Convivendo com os doentes, não via neles o que lia nos livros. O pavilhão era ao lado do Hospital Pinel.⁴ Ela não gostava da palavra hospício, que não retratava o que via nos internos, de quem gostava muito e com quem apreciava conviver. Foi assim que decidiu fazer Psiquiatria.

Perseguida política, Nise da Silveira foi presa uma primeira vez por um dia, em fevereiro de 1936, por ter pertencido à União Feminina Brasileira. No mesmo ano, em março, foi presa de novo e levada para o Departamento de Ordem Política e Social (Dops) e, uma semana depois, para o presídio da Rua Frei Caneca, onde ficou até junho de 1937. Havia sido denunciada por uma enfermeira do hospital que viu em sua mesa de trabalho, além dos livros de psiquiatria e outros de arte, alguns sobre marxismo.

Com a prisão, perdeu o emprego e foi afastada por oito anos do serviço público, para o qual tinha entrado por meio de concurso. O argumento para a prisão foi que ela pertencia a um círculo de ideias incompatíveis com a “democracia”. Esteve num primeiro momento numa cela comum, mas cobrou a sua transferência para onde estavam as outras mulheres, entre elas Olga Benário Prestes e Elisa Berger, presas políticas da ditadura Vargas.⁵

O tempo passado na prisão, um ano e três meses, “foi uma experiência decisiva”

⁴ O Instituto Pinel é um hospital psiquiátrico localizado no bairro da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Foi fundado em 1937, com o nome Hospício Pedro II.

⁵ Olga Benário Prestes (1908-1942), alemã de Munique, de origem judaica, foi enviada ao Brasil em 1934 pela Internacional Comunista para apoiar o Partido Comunista Brasileiro (PCB), ao lado de Luiz Carlos Prestes (1898-1990), líder do PCB, por mais de 50 anos, com quem se casou. Em 1936, o casal foi preso e Olga foi deportada para a Alemanha Nazista, onde seria morta na câmara de gás, ao lado de outras 199 mulheres, no campo de extermínio de Bernburg. Assim como Olga, Elisa Berger, que tinha origem polonesa, também foi presa no mesmo período, deportada para um campo de concentração na Alemanha e morta na câmara de gás. As prisões ocorreram durante um período na história do Brasil que ficou conhecido como Era Vargas, quando Getúlio Vargas governou o Brasil por 15 anos.

para sua vida. “Foi uma vivência muito marcante. Eu fiquei com mania de liberdade”, disse em entrevista a Dulce Pandolfi (Silveira, 1992, n.p.). Enquanto presa, teve um encontro importante com Graciliano Ramos, e essa relação continuou mesmo após o tempo de prisão. Para ela, essa amizade foi especial, dessas “raras amizades, nas quais as pessoas se comunicam de verdade, íntimo a íntimo” (Silveira, 1954, p. 24-27). Em 21 de junho de 1937, foi posta em liberdade por não haver processo contra ela.

Depois desse período, viveu na clandestinidade, na Bahia e em outros estados do Norte e Nordeste, e só no início dos anos 1940 ela e Mário Magalhães se casam em regime de comunhão de bens, garantindo assim uma aposentadoria segura caso o marido viesse a falecer. Ele era delegado federal de saúde, e na época da Segunda Guerra Mundial chegou a viajar bastante para a base aérea norte-americana em Dacar.

Tanto no período em que esteve presa quanto depois, durante seu exílio no próprio País, aproveitou para ler e estudar muito. Leu Sigmund Freud, Marcel Proust, Baruch de Spinoza e muitos outros autores que foram fundamentais em sua vida.

Imagens do inconsciente

Em 17 de abril de 1944, já no final do Estado Novo getulista,⁶ a Dra. Nise da Silveira foi readmitida no serviço público, indo trabalhar no Centro Psiquiátrico Nacional, em Engenho de Dentro (hoje Instituto Municipal Nise da Silveira). As cenas iniciais do filme dirigido por Roberto Berliner, que mencionamos no início deste texto, mostram Glória Pires interpretando a Dra. Nise da Silveira nesse retorno ao trabalho como médica psiquiátrica.

No período em que esteve afastada do serviço público, surgiram e foram consolidadas algumas técnicas e práticas psiquiátricas específicas. Egas Muniz, neurologista e investigador português que ganhou o prêmio Nobel de Medicina em 1949, inventou a lobotomia. Havia também o eletrochoque, o choque de insulina e o de cardiazol. Na sua volta à ativa, foi trabalhar com um médico que praticava tudo isso e queria ensiná-la. Foi quando, negando-se a utilizar esses métodos, iniciou sua trajetória de psiquiatra rebelde e inovadora.

Como não aceitava os métodos violentos, o diretor do hospital confiou-lhe uma área menosprezada. Ela assumiu o novo desafio e, em 1946, fundou a Seção de Terapêutica Ocupacional, uma inovação para a época dentro de um hospital psiquiátrico. Aos poucos, transformou o local em um atelier de pintura,

⁶ O Estado Novo compreende os anos de 1937 a 1945, quando Getúlio Vargas dá um golpe de Estado e governa o país de forma autoritária, ditatorial e realizando forte campanha anti-comunista. Havia censura à imprensa e repressão aos movimentos revolucionários.

modelagem e escultura. No trabalho dos pacientes-clientes, “desenho e pintura espontâneos revelaram-se de tão grande interesse científico e artístico que esse atelier cedo adquiriu posição especial” (Silveira, 1981, p. 15).

Apesar da personalidade desagregada, as imagens sobreviviam e, mesmo sem nunca haverem pintado antes da esquizofrenia, os internos conseguiam manifestar uma intensa criatividade imaginária. Um de seus pacientes, Fernando Diniz, disse que mudou “para o mundo das imagens. Mudou a alma para outra coisa. As imagens tomam a alma da pessoa” (Silveira, 1981, p. 15).

E, de acordo com Nise da Silveira, se as imagens tomam a alma da pessoa, “entende-se a necessidade de destacá-las tanto quanto possível do roldão invasor. Pintar seria agir. Seria um método de ação adequado para a defesa contra a inundação pelos conteúdos do inconsciente”. E, assim, ela e seus assistentes passaram a incentivar a expressão das imagens do inconsciente através da arte.

Para outros psiquiatras, a abstração nas imagens significava um embotamento afetivo. Nise da Silveira não pensava assim. Ela percebia que essa abstração vinha de uma inquietação interior e que, assim, a arte viria “retirar as coisas desse redemoinho perturbador, virá esvaziá-lo de suas manifestações vitais sempre instáveis para submetê-las às leis permanentes que regem o mundo inorgânico”.

Ou seja, “por meio de processos de abstração, o homem procura ‘um ponto de tranquilidade e um refúgio’” (Silveira, 1981, p. 20). Dizia isso a partir da própria experiência: ela acompanhava todo processo de criação e convivia com os esquizofrênicos que, para ela, eram seres humanos como os outros.

De acordo com a Dra. Nise, a experiência no atelier de pintura do hospital psiquiátrico confirmou o recuo dos esquizofrênicos em relação à realidade externa, antes tão ameaçadora para eles, ao mesmo tempo em que sentiam medo da realidade interna, provavelmente mais ameaçadora ainda.

Em outras palavras, ela também identificou a linguagem abstrata como uma maneira de dar forma a segredos pessoais, satisfazendo uma necessidade de expressão, sem que outras pessoas os devassassem por completo (Silveira, 1981, p. 22). Em 1952, Nise da Silveira e sua equipe criam o Museu de Imagens do Inconsciente,⁷ que reúne atualmente em seu acervo 360 mil obras de arte, sendo mais de 120 mil tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Anos antes, em 1947, uma primeira exposição, fora do Hospital, reúne obras pintadas pelos internos, na sede do Ministério da Educação, no centro do Rio

⁷ Localizado no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira, no Rio de Janeiro, o Museu é também um Centro de Estudos que desenvolve pesquisas em diversas áreas: esquizofrenia e arte, imagens do inconsciente, arte-terapia, linguagem, museologia e design.

de Janeiro. Vários intelectuais, entre eles o renomado crítico de arte Mário Pedrosa, visitam a mostra. Se por um lado ficam impressionados com a qualidade artística dos trabalhos, por outro, as obras também despertam polêmica e visões conservadoras. É famoso o embate entre Pedrosa e o crítico Quirino Campofiorito, que não reconhecia valor artístico nas pinturas dos esquizofrênicos.

O artista não é aquele que sai diplomado da Escola Nacional de Belas Artes, do contrário não haveria artistas entre os povos primitivos, inclusive entre os nossos índios. Uma das funções mais poderosas da arte – descoberta da psicologia moderna – é a revelação do inconsciente, e este é tão misterioso no normal como no chamado anormal. As imagens do inconsciente são apenas uma linguagem simbólica que o psiquiatra tem por dever decifrar. Mas ninguém impede que essas imagens e sinais sejam, além do mais, harmoniosas, sedutoras, dramáticas, vivas ou belas, enfim, constituindo em si verdadeiras obras de arte (Pedrosa, 1947).

Relações com Jung

Sempre atenta às inovações nos estudos da psiquiatria e da mente humana, Nise da Silveira manteve uma profunda relação com o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, o pai da Psicologia Analítica. Ela foi uma grande estudiosa e pioneira na divulgação da obra e das ideias junguianas no Brasil. Criou um grupo de estudos sobre o psiquiatra e chegou a se corresponder com ele por muito tempo – chegaram, inclusive, a conhecer-se pessoalmente em 1957, em Zurique, na Suíça, quando ela viajou a convite dele para participar do II Congresso Internacional de Psiquiatria, com uma bolsa de estudos conquistada junto ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Durante o congresso, Nise da Silveira organizou em cinco salas a exposição “A Esquizofrenia em Imagens”, que Jung fez questão de inaugurar, com obras dos artistas do Museu de Imagens do Inconsciente.

A partir dessa estadia na Suíça e no Instituto C.G. Jung, ela também manteve uma longa relação com Marie Louise von-Franz, uma das principais assistentes e discípulas de Jung. Nise traduziu a obra do psicanalista suíço e percebeu o diálogo entre a perspectiva junguiana do inconsciente e o que via na arte dos esquizofrênicos de quem cuidou, observando, por exemplo, as imagens circulares que mostram que as forças inconscientes mantêm-se vivas na esquizofrenia, e que de alguma forma existe uma compensação à dissociação do consciente.

Por ter estudado profundamente Jung, também pôde observar a forte presença de elementos do inconsciente coletivo na arte dos esquizofrênicos. Os arquétipos, que Jung concebeu como sendo a estrutura psíquica básica comum a todos os seres humanos, estão manifestos também no inconsciente dos esquizofrênicos, que podem expressá-los através da arte.

Os animais, especialmente os gatos, também fizeram parte da vida e do trabalho de Nise da Silveira. Foi por conta de um gato que ela transformou o velho conceito

de Terapia Ocupacional em “Emoção de Lidar”. A presença dos gatos e da arte na vida de Nise da Silveira e de seus pacientes inspirou tanto sua obra como sua visão de mundo. Por exemplo, a pintura de uma gata feita por Victor Brauner oferece, nas palavras da psiquiatra, o mais exato conceito de esquizofrenia (Silveira, 1998, p. 29). Em seu trabalho cotidiano no hospital, também pôde observar a relação dos esquizofrênicos com cães e gatos, percebendo o afloramento de sua afetividade ao lidar com os animais. Os cachorros e os gatos foram seus co-terapeutas por décadas e fundamentais no exercício de seu trabalho como psiquiatra.

Nise da Silveira dirigiu a Seção de Terapêutica Ocupacional no Centro Psiquiátrico Pedro II entre os anos de 1946 e 1974, e, nesse trabalho incansável, de décadas, descobriu as incontáveis riquezas preservadas no inconsciente de seus pacientes-clientes. Para ela, sabedoria e loucura são originadas na mesma fonte e, justamente quando uma pessoa considerada ajuizada comete um ato de loucura, ela descobre muito sobre sua forma de viver.

Preocupada com a assistência terapêutica aos pacientes-clientes que viviam uma espécie de ciclo vicioso de reinternações, a Dra. Nise e algumas amigas médicas decidem investir na criação de um espaço para atendimento mais digno. “O espantoso número de reinternações, 70%, dava testemunho de que algo estava errado no conjunto do tratamento psiquiátrico”. A partir daí, “nasceu a ideia de criar um setor do hospital que funcionasse como uma espécie de ponte entre o hospital, a família e o meio social”. Mas, infelizmente, “essa proposta não teve nenhuma repercussão” (Silveira, 197-).

Nise e suas amigas decidem então buscar uma saída fora do hospital e conseguem um espaço no segundo andar de um casarão antigo no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro, que havia sido cedido em parte pela proprietária para um colégio da Apae (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais). Batizado como Casa das Palmeiras, o local vai ser durante muitos anos uma experiência inovadora e precursora da luta antimanicomial.

A Casa das Palmeiras foi criada em 1956, com as portas e janelas abertas para os loucos. E me diziam: você é louca, vai acontecer um desastre. Desastres acontecem, o que se vai fazer? Mas a Casa está aberta, liberdade não faz mal a ninguém (Silveira, 1987b).

Em busca do espaço cotidiano

“Há muito tempo estou tentando fazer esse filme”. Em 1968, o cineasta Leon Hirszman assiste no Hospital Pedro II a uma leitura da peça *As bacantes*, de Eurípedes, onde o ator Rubens Corrêa, a convite de Nise da Silveira, lê o papel de Dioniso. Ele lembra, naquela primeira experiência de contato com a psiquiatra e seu trabalho, que “um dos internos, Fernando Diniz, tocava pandeiro, fazia o ritmo. Eu fiquei tomado. Era um seminário sobre o mito de Dioniso, num clima

de leituras de Reich, de uma literatura pós-freudiana, uma grande efervescência cultural” (Hirszman, 1995, p. 66).

“Seis anos depois estávamos os dois, Nise e eu, apaixonados pela ideia de fazer um filme” (Hirszman, 2015, p. 6). O projeto acalentado por ambos, que já eram amigos nessa época, começa a ganhar a forma de um roteiro cinematográfico a partir de 1974. Ela escreve inicialmente a história de Fernando Diniz, que vai resultar no documentário *Em busca do espaço cotidiano*, o primeiro da trilogia *Imagens do inconsciente*, filmada por Leon entre os anos de 1983 e 1986.

Começamos a trabalhar assim que a Dra. Nise conseguiu unificar numa narrativa a dolorosa experiência afetiva de Fernando, dilacerado pela brutalidade cotidiana. Negro, filho de uma empregada doméstica baiana, busca recuperar o espaço cotidiano pintando um quadro – a pintura em luta constante contra o caos, um caos vivenciado como uma paixão, um amor impossível por uma moça de outra classe social. O sofrimento causado pela rejeição forçou sua identificação e submissão à mãe, por quem tinha grande respeito. Fernando submerge como uma autodefesa, para viver no inconsciente (Hirszman, 2015, p. 8-9).

O segundo episódio, *No reino das mães* (1988), vai mostrar o percurso de Adelina Gomes e sua transformação a partir da arte. “Através da pintura, conseguiu expulsar os fantasmas da mãe castradora, recuperando a sua condição feminina”, destaca o diretor, lembrando que tiveram acesso “a um tesouro que a Dra. Nise nos propiciou por uma questão de confiança” (Hirszman, 2015, p. 10-11).

Já no terceiro filme, *A barca do sol* (1985), o personagem é Carlos Pertuis. “Creio eu, foi o maior desafio que Leon encontrou. E também o trabalho que mais fascínio teve sobre ele”, recorda Nise ao homenagear o amigo cineasta que morreu precocemente, em 1987 (Silveira, 1987). Logo após a conclusão dos documentários, Leon e equipe filmaram uma longa entrevista com Nise da Silveira, mas ele não teve tempo para editar o material. Eduardo Escorel, amigo e colaborador, realizou a montagem em 2014, como um *Posfácio* da obra conjunta de Leon e Nise.

Em 30 de outubro de 1999, Nise da Silveira falece no Rio de Janeiro, depois de quarenta dias internada no Hospital da Lagoa. Sua vida e seu trabalho foram compreensivos, ao olharem para o ser humano inteiro, incluindo sua estrutura básica psíquica e o inconsciente preservados.

Nise foi capaz de enfrentar médicos e tantas críticas que sofreu em vida para praticar aquilo em que acreditava e desenvolver uma trajetória pioneira e inovadora, que revolucionou a forma de lidar com a esquizofrenia no Brasil e no mundo.

O poeta do espaço
É um andarilho errante
Ele salta de um planeta a outro
De uma estrela a outra

em grandes passadas
ele não carrega nem cajado nem sacola
ele é livre (Silveira apud Melo, 2015, p. 160).⁸

REFERÊNCIAS

- HIRSZMAN, Leon. 1995. *É bom falar*. Catálogo do Centro Cultural Banco do Brasil. Rio de Janeiro.
- HIRSZMAN, Leon. 2015. Três artistas, três histórias de vida, três casos clínicos. En *IMAGENS do Inconsciente (1983/1986)*. Instituto Moreira Salles. Rio de Janeiro. [Livreto do DVD, p. 5-19].
- IMAGENS do Inconsciente (1983/1986)*. Em busca do espaço cotidiano/No reino das mães/A barca do sol. Direção de Leon Hirszman. 2015. Rio de Janeiro. DVD. Instituto Moreira Salles. Rio de Janeiro.
- MELLO, Luiz Carlos. 2015. *Nise da Silveira – caminhos de uma psiquiatra rebelde*. Rio de Janeiro: Automática Edições.
- NISE – O coração da loucura*. 2015. Direção de Roberto Berliner. Imagem Filmes, 1 DVD (106 min.).
- PEDROSA, Mário. 1947. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro.
- RAMOS, Graciliano. 1954. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- SILVEIRA, Nise. 1998. *Gatos: a emoção de lidar*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial.
- SILVEIRA, Nise. 1992. *O mundo das imagens*. São Paulo: Ática.
- SILVEIRA, Nise. 1992. *Entrevista concedida a Dulce Pandolfi*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- SILVEIRA, Nise. 1987. Depoimento feito após a morte de Leon. Manuscrito. Rio de Janeiro. Arquivo Nise da Silveira – SAMII (Sociedade de Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente).
- SILVEIRA, Nise. 1987b. Entrevista concedida a Luiz Carlos Lisboa. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, ano 7, n. 345. Caderno de Cultura.

⁸ Poema escrito por Nise da Silveira em Braunwald, Suíça, em julho de 1964.

SILVEIRA, Nise. 1981. *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra.

SILVEIRA, Nise. 1968. *Jung: vida e obra*. Rio de Janeiro: José Álvaro Ed.

SILVEIRA, Nise. 1954. Doze personagens falam de um autor. *Revista Manchete*, Rio de Janeiro: Bloch Editores, n. 90, p. 24-27. Entrevista concedida a Darwin Brandão.

SILVEIRA, Nise. Manuscrito (197_). Arquivo Nise da Silveira – SAMII (Sociedade de Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente).

VON FRANZ, Marie Louise. 1999. *The cat: a tale for feminine redemption*. Canadá: Inner City Books.